

A HISTÓRIA DO CEARÁ COLECIONADA NO ARQUIVO PRIVADO DE GUILHERME STUDART

Pouca gente é imune ao culto dos antepassados e à magia da proximidade física do tempo: segurar uma moeda romana na mão e imaginar o que poderia ser comprada com ela, visitar lugares históricos, ver o violino de Mozart, um manuscrito de Beethoven, um poema escrito à mão por Shelley, os chinelos de Churchill, uma bola de beisebol autografada por Babe Ruth ou uma carta escrita por um grande homem, tratando de assuntos menores e íntimos. Esses objetos parecem conter o passado, são testemunhas mudas da história, trazendo dentro deles a proximidade de toque preservada ao longo de anos e de séculos. Philipp Blom

Tocar em uma preciosidade, em um objeto carregado de simbologias, num “totem”, gera um sentimento de extremo deleite para aquele que o faz. Contudo, para o colecionador, o deleite está na busca pela próxima raridade e não na sua posse. Colecionar pode ser um *hobby*, uma carreira, uma paixão ou até mesmo uma obsessão. Guilherme Studart era apaixonado pela sua coleção, colecionava documentos sobre a História do Ceará. Contudo, colecionava outros papéis, como cartas institucionais, pessoais e familiares, panfletos, folhetos, boletins, recortes de jornais, programas de congressos, estatutos, fotografias, cartões postais e, enfim, uma infinidade de “artefatos” da cultura letrada.

Um dos mais notáveis nomes da historiografia cearense, médico, vice-cônsul da Inglaterra no Ceará e presidente perpétuo do Instituto do Ceará, o Barão de Studart era um pesquisador e colecionador incansável. O resultado de suas buscas a documentos históricos em diversos arquivos foi preservado num grande acervo denominado pelo próprio escritor de “Coleção Studart”. Esse acervo não recebeu até hoje estudos aprofundados sobre sua constituição e preservação, como afirma Frederico de Castro Neves:

Os historiadores do século XIX, entre os quais Guilherme Studart, caíram em campo à procura de documentos sobre o Brasil e sobre o Ceará, preservando-os, catalogando-os e divulgando-os, constituindo um imenso acervo que ainda está por ser devidamente interrogado e analisado e que, infelizmente, boa parte perdeu-se nos meandros da incúria de uma política governamental de preservação. (NEVES, 2001)

Esse acervo composto por “documentos históricos”, mapas, jornais, e outros não foi preservado de forma integral, uma vez que essa coleção particular passou anos

“desaparecida”, sendo localizada e reorganizada pelo Instituto do Ceará na década de 1950. Raimundo Girão, em seu artigo *O Barão de Studart e a Historiografia Cearense*, relata como encontrou o material deixado pelo Barão em sua antiga residência:

Com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafua da casa em que morava o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe. Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecuperáveis. (...) Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador. O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encardenações e convenientemente preservadas.¹

Dessas miscelâneas restam ainda 56 cadernos que estão depositados no Instituto do Ceará. Esse acervo ressurgiu estimulando indagações aos historiadores e trazendo novas discussões sobre o legado de Studart na prática historiográfica cearense. Cabe sublinhar, que o arquivo pessoal do Barão de Studart é composto por dois fundos diferentes, o primeiro corresponde a “Coleção Studart”, propriamente dita, constituída de documentos sobre a História do Ceará e o segundo constituído por documentos pessoais. Diante disso, tencionamos enfatizar o acervo pessoal de Guilherme Studart, que corresponde a 18 desses cadernos.

O historiador Guilherme Studart se preocupou durante toda a vida em guardar registros de sua trajetória, fato evidenciado pelo número de documentos de seu arquivo pessoal. Esses documentos foram preservados pelo médico numa Coleção Particular, assim, o primeiro passo é considerar as escolhas do mesmo e pensar naquilo que foi armazenado e o que foi descartado do arquivo.

Enfatizamos nessa pesquisa o acervo epistolar, composto pela correspondência passiva de Guilherme Studart, ressaltando que o corte temporal desse trabalho segue o período das cartas que se concentra entre os anos de 1878 a 1938, contudo dentro desse conjunto há um “meta-arquivo”, ou seja, correspondências ativas, respostas escritas no verso das cartas recebidas, comentários, rabiscos, enfim rastros do diálogo estabelecido entre Studart e sua “rede de sociabilidade”.

¹ GIRÃO, 1956, p. 26.

A análise da correspondência requer uma leitura criteriosa desses documentos, considerando diversos aspectos como “o conteúdo das cartas, as condições de sua redação e leitura, as circunstâncias das trocas, sua conformidade (ou não) com as convenções”.² Dessa forma, teremos acesso a alguns vestígios da vida cotidiana de sujeitos históricos que registraram um pouco das suas experiências nessas epístolas.

As cartas são produzidas por um autor (a) inserido no seu tempo e no seu espaço social. Esse se utiliza de um objeto da cultura material de sua época (a correspondência) para comunicar-se com o outro. Mas não podemos considerar essas cartas como formas “naturalizadas” e “espontâneas” de expressão, já que são regidas por normas sociais.

Aquilo que o autor comunica em carta pode ser um discurso testemunhal dos acontecimentos, no entanto bastante fragmentado e incompleto, já que sofre interferências dos indivíduos e do coletivo. Ressaltando que utilizamos 4.787 cartas da correspondência passiva de Guilherme Studart.

A partir da construção tipológica dessas cartas e da identificação dos missivistas, passaremos a mapear os interesses pessoais e profissionais mencionados nas cartas e a analisar a dimensão subjetiva dos diálogos traçados nas mesmas.

Diante desse aparente caráter incompleto da correspondência, tentaremos costurar os retalhos e reconstruir parte dos vínculos de sociabilidade que foram estabelecidos entre Guilherme Studart e seu círculo de convivência, presentes no “pacto epistolar”³ que eles instituíram ao receber, ler, responder e guardar cartas. Segundo Gomes, a escrita epistolar é um espaço preferencial para a construção de vínculos que possibilitam a conquista de posições sociais, profissionais e afetivas.

Buscaremos nas correspondências traçar itinerários de leitura percorridos pelo missivista Guilherme Studart. Além disso, procuraremos também investigar as práticas e os usos sociais das idéias que são apropriadas e os significados produzidos a partir dos registros das leituras feitas, posto que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e normas compartilhados numa sociedade.

² DAUPHIN, 2002, p. 67.

³ Sobre o termo “pacto epistolar” ver a introdução de GOMES, 2004.

Os textos são lidos de formas diferentes, em espaços coletivos ou solitários. O leitor Guilherme Studart tinha hábitos de leitura bastante comuns, como consultar obras em bibliotecas públicas⁴. A partir desses usos da leitura, procuraremos compreender esses hábitos particulares e traçar um paralelo com outros intelectuais do período.

Os correspondentes de Guilherme Studart (institucionais ou individuais) trocam livros, pedem sugestões e revisões de artigos, solicitam publicações nos veículos sob a direção de Studart, comentam sobre suas leituras, venda e recepção de suas obras e notícias publicadas em jornais sobre seus trabalhos.

Através desse convívio epistolar, objetivamos recuperar práticas de sociabilidade intelectual. Além disso, analisar o modo como os missivistas de atuações profissionais diversas como médicos, advogados, poetas e etc. usam esse espaço privado para se inserirem no universo cultural cearense.

Na correspondência – uma escrita de si para o outro – percebemos que os sujeitos produzem representações de si e constroem significados do mundo em que vivem. Pensando nisso, tentamos identificar as representações que Guilherme Studart constrói sobre si e sobre a Coleção Studart, tendo como norte sua prática epistolar. Para isso, consideramos que a correspondência seja um espaço social propício para a construção de redes e vínculos de amizade, não somente com aquele a quem se escreve, mas também com o tempo e o lugar em que se insere.

Ressaltar o legado de Guilherme Studart para os estudos históricos no Ceará é falar da importância desse colecionador criterioso que publicou obras de vulto, aclamadas como obras de referência para qualquer historiador cearense, e esteve durante cinquenta anos dirigindo a publicação da *Revista do Instituto do Ceará*. Além disso, criou sua própria tipografia para publicar seus textos. Ao reunir esses papéis em um arquivo pessoal, o Barão de Studart nos permite vislumbrar o mercado editorial da época a partir da produção, impressão, circulação e recepção desses textos no universo letrado cearense.

Em meados do século XIX, começa a desabrochar um crescente interesse pelo valor histórico dos arquivos e os documentos ganham o status de testemunhos da História. Buscando essas “testemunhas”, Guilherme Studart iniciou seu longo e árduo

⁴ No livro de consulentes de 1878 a 1887 da Biblioteca Provincial do Ceará, depositado na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, há registros das consultas feitas por Guilherme Studart quando ainda era estudante – Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

trajeto para pesquisar, identificar, coletar, publicar e guardar o maior número de fontes e documentos para os historiadores preocupados com o passado do Ceará. Assim nasceu a Coleção Studart. Para o historiador Eduardo Lúcio Amaral, a Coleção é

O mais precioso levantamento sobre o Ceará já realizado. Completo para a finalidade a que se destina, foi construído em anos de pesquisa desinteressada em vários arquivos nacionais ou estrangeiros. Demandou tempo considerável em cópias, em confrontações, em contraprovas que autorizassem a veracidade do objeto. (AMARAL, 2002, p. 38)

Realizar esse levantamento de fontes sobre sua terra natal era o plano para a História do Ceará traçado por Guilherme Studart e apresentado ao público no primeiro volume da sua obra *Datas e Fatos para a História do Ceará*:

A certas datas ajuntei os respectivos documentos, ora para corroborar afirmações minhas, ora para consignar costumes e usanças, ora para firmar datas memoráveis do nosso passado. Praticando assim obedeci a um plano, que me tracei há muito – o de ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará. (STUDART, 2001, Duas Palavras)

Guilherme Studart atingiu seu objetivo ao reunir milhares de documentos sobre a História do Ceará, entretanto, ante a Coleção Studart, percebemos que seu criador foi além do seu plano inicial e ajuntou também a esse arquivo documentos pessoais, panfletos, recortes de jornais, fotografias, revistas, enfim acumulou uma grandeza documental cujo tamanho exato não é passível de definição. Contudo, podemos perceber sua dimensão perante aquilo que se preservou desse arquivo (Fig. 1), ou seja, um corpus de cerca de 16.000 documentos entre manuscritos, imagens, impressos, cartas e outros.



Fig. 1: BARÃO DE STUDART EM SEU GABINETE - ACERVO DO INSTITUTO DO CEARÁ

Studart realizou várias viagens aos arquivos do exterior para coletar documentos sobre o Ceará, como relata Raimundo Girão: “além das realizadas em 1884 e 1892-93, esteve ele novamente na Europa, com objetivos culturais, em 1904, 1911 e 1914, surpreendido por ocasião desta última com o arrebentar da primeira Guerra Mundial”.⁵ Os anos mais ricos de sua experiência de pesquisa e que lhe renderam boa parte da Coleção foram aqueles entre 1892 e 1893.

Além das viagens onde coletava documentos, Guilherme contava com a ajuda de amigos para realizar essa tarefa e aumentar seu acervo particular, como podemos observar no caso de uma doação feita pelo historiador Capistrano de Abreu à Coleção Studart de um manuscrito sobre a Missão dos Capuchinhos no Rio São Francisco:

Deixei em São Paulo a proposta para a compra de um manuscrito, que espero oferecer para tua coleção, paguei-o antecipadamente, sem arrebentar as finanças. Trata-se de uma inspeção feita às missões do S. Francisco, em 1760, pelo teu protegido Jerônimo Mendes Paz. A escrita é atrapalhada e apenas percorri ligeiramente as páginas. Aceitarão a proposta?⁶

⁵ GIRÃO, 1956, p. 33.

⁶ Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de dezembro de 1916. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 184.

A proposta da compra do manuscrito foi aceita. Ele está depositado na Coleção Studart,⁷ assinado com uma dedicatória de Capistrano de Abreu. Alguns anos antes, Studart havia pedido ao amigo historiador que aumentasse a sua coleção particular:

Como vê, apesar de ser eu um dos particulares que possuem uma bonita coleção, ainda não é ela cousa que avulte. Você bem poderia supri-lhe as lacunas, aumentá-la na preciosidade, ministrando-me indicações ou notícia das fontes a que eu possa socorrer-me. Mande, pois copiar para mim tudo o que houver nos arquivos daí sobre o Ceará desde 1600 a 1650.⁸

Essa troca de documentos era uma prática usual entre os correspondentes de Guilherme Studart, posto que na sua correspondência encontramos rastros dessa rede de intercâmbios, na qual circulavam fontes, livros, manuscritos, etc. Para Roger Chartier⁹, entre os séculos XVI e XVIII, nas sociedades do Antigo Regime, a multiplicada circulação do escrito transformou as formas da sociabilidade, permitindo novos pensamentos e modificando as relações do poder, além de produzir usos e significados diferenciados de objetos culturais, bem como diferenças de conduta em relação a eles.

Essa circulação do escrito mostra em parte a dinâmica das redes de relações sociais envolvendo Studart e seus correspondentes. Nas epístolas, entrevemos algumas das permutas realizadas entre esses intelectuais e os usos que faziam desses materiais, como nessa carta de Frederico Lisboa endereçada a Guilherme Studart:

Creia que não pequena foi a satisfação que tive em promover o oferecimento de alguns documentos, que podem ser de utilidade à confecção da história do Ceará. (...) Á esta acompanham dois números do “jornal de notícias”. Recebi as folhas cearenses que foram bastante generosas.¹⁰

Teixeira de Melo, chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, também escreve para Guilherme Studart relatando uma dessas trocas: “em resposta a vossa estimada carta de 24 do passado envio-vos o vol. XVI dos Anais, q falta a vossa

⁷ O manuscrito está localizado no subfundo “Documentos”, caderno 11, tendo sido adquirido na Biblioteca de Eduardo Prado. Acervo do Instituto do Ceará.

⁸ Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu datada de 24 de agosto de 1893. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 149.

⁹ CHARTIER, 1999, p. 12.

¹⁰ Carta de Frederico Lisboa a Guilherme Studart de 4 de setembro de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

coleção. O XVIII está no prelo. (...) Recebi e agradeço-vos pela Biblioteca, os 2 mapas do Ceará que nos remetestes”.¹¹ Nesses intercâmbios, vislumbramos a dimensão do arquivo privado de Studart e o modo como vai adquirindo-o e se inserindo no campo intelectual, principalmente por causa da coleção de documentos que possuía e do seu “pertencimento”¹² as mais diversas redes de relações sociais.

Entretanto, seu arquivo também foi constituído por práticas “inadequadas”, posto que alguns historiadores acusam Guilherme Studart de comprar documentos originais em arquivos estrangeiros.¹³ O historiador português João Lúcio de Azevedo relata um caso suspeito envolvendo o médico cearense:

Studart mandou-me o 4º vol. de “Documentos para a História do Brasil”. (...). Novidade para mim foi o documento nº 267 – que é a célebre representação ou capítulos de Jorge de Sampaio contra os jesuítas, de balde por mim procurada no Arquivo Ultramarino. O silêncio de Studart sobre a procedência leva-me à suspeita de que pertenceria ao número dos documentos subtraídos em seu benefício quando esteve aqui. O sistema é cômodo e talvez barato para quem o emprega, mas priva o documento daquela autoridade que possui quando qualquer puder verificar-lhe o teor.¹⁴

No fim do século XIX, com a crítica documental, surge a necessidade de defender a divulgação dos documentos originais como uma maneira de projetar o estandarte da “verdade histórica”, idéia tão cara às correntes historiográficas desse século. Diante da suspeita do procedimento de Studart, Capistrano foi bastante enfático com o amigo cearense sobre a necessidade de informar a procedência dos documentos:

Por que não dás a procedência dos documentos que publicas? (...) por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que, com os estudos arquivais, com a criação da crítica histórica, com a crítica das fontes, criada por Leopoldo von Ranke, na Alemanha, foi renovada a fisionomia da História?¹⁵

¹¹ Carta de Teixeira de Melo para Guilherme Studart de 7 de abril de 1896 - Acervo do Instituto do Ceará.

¹² Segundo Bourdieu, “**existir socialmente** é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente, de automatismos verbais ou de mecanismos mentais, é também depender, ter e ser tido, **em suma, pertencer a grupos e estar encerrado em redes de relações** que têm por objetividade, a opacidade e a permanência da coisa e que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de controles e de sujeições”. In: BOURDIEU, p. 42-43, 1996 (Grifo nosso).

¹³ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 26 de abril de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 156.

¹⁴ Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 31 de outubro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.

¹⁵ Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart de 20 de abril de 1904. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 165-166.

A procedência da Coleção Studart e o modo como seu proprietário a adquiriu é bastante diversa. Contudo, o intrigante nessa diversidade documental é pensar sobre sua constituição e perceber como essa coleção permitiu trocas simbólicas de Guilherme Studart no meio intelectual da sua época, dando certa legitimidade e autoridade ao seu criador, como percebemos nas epístolas trocadas entre ele e vários intelectuais dos mais diversos campos do saber do Brasil e do exterior.

Nas correspondências, há inúmeras referências a artigos enviados a Guilherme Studart com pedidos para serem publicados em algumas das revistas organizadas pelo médico, seja na *Revista do Instituto do Ceará*, na *Revista da Academia Cearense*, na *Revista do Conselho Central Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paula*, na *Quinzena*, ou em jornais e boletins. Autores como Eusébio de Souza, Clovis Bevilacqua, Benedito dos Santos, Pe. Galanti, dentre outros, enviam seus trabalhos inéditos e relatam as dificuldades de publicação no mercado editorial cearense. Em carta ao Barão de Studart, Augusto Rocha informa o envio de seu artigo sobre a família Barbosa e pede para o destinatário dar a sua opinião quanto ao seu valor para a História, e acrescenta que se o destinatário achar digno publique o texto em alguma Revista que se dedica aos estudos do Ceará.¹⁶

Em carta de 10 de março de 1897, J. Arthur Montenegro escreve a Guilherme Studart pedindo para publicar artigos na *Iracema*, revista do Centro Literário:

Com esta lhe envio um fragmento do meu livro Fragmentos Históricos; se achar digno o envie para a Revista do Centro Literário (cuja coleção espero que o amigo m'a remeta). Cumpre-me dizer-lhe que as particularidades desse admirável ato de audácia, ainda não foram relatadas em nenhuma outra publicação, me parecendo digna de tornar-se conhecida. Envio-lhe também um fragmento das minhas Ephemerides, das quais publiquei a parte correspondente a Janeiro e Fevereiro no Diário do Rio Grande e vou publicar Abril e Maio na Gazeta de Notícias do Rio. Já estava contratada a impressão desse livro por 12:000, mas o editor me declarando não poder entregá-lo em maio conforme o ajuste, resolvi rescindir o contrato. (...) Junto lhe envio três artigos publicados aqui pelo Dr. Melo Guimalhães. Esse Cavalheiro, residente em São Paulo esteve aqui de passagem e visitando-me em companhia de um amigo, entendeu chamar atenção do governo para a minha obra que detidamente examinou. Peço-lhe transcrevê-lo aí e remeter-me os jornais em que saírem (para a minha coleção).

¹⁶ Carta de Augusto Rocha para Guilherme Studart de 1 de maio de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

O Barão de Studart tinha o domínio das vias de acesso à palavra, ou seja, dos espaços de impressão e publicação de obras, como podemos constatar com a criação da Tipografia Studart, surgida a partir da necessidade de publicar os trabalhos de seu criador e de colaboradores. O escritor português Joaquim de Araújo, ao saber da propriedade de Studart, encomenda a reimpressão de uma obra sua:

Pelas rubricas dos seus belos livros vejo que V. Ex.^a é dono de uma tipografia, se não me engano no pressuposto, peço-lhe o obséquio de aí reimprimir o meu opúsculo – O Soneto de Torquato Tasso em honra de Vasco da Gama e de Camões. Desejava esse escrito um pouco divulgado no Brasil, e pode V. Ex.^a se julgar isso acertado pô-lo em venda; na certeza de que nada mais desejo para mim do que cinco exemplares em papel de linho e trinta e seis em papel comum. Peço-lhe a fineza de verificar religiosamente as provas, acingindo-se (sic.) á ortografia do original. No frontispício desejava que se inscrevessem estas duas palavras a mais:

Nova edição

e não segunda edição. É a única “nuance” que desejaria se observasse, advertindo que me parece melhor imprimir em typo maior, e no formato dos opúsculos de V. Ex.^a, representativos do antigo in-4^o português. Se V. Ex.^a me enviar os exemplares que peço da reimpressão, é muito favor não os confiar ao correio sem prévio registro, pois que os correios andam agora muito avariados.¹⁷

Além da tipografia, Studart possuía os suportes¹⁸ materiais para impressão das publicações. Seu domínio nesse campo era tanta que Tibúrcio de Oliveira chega a pedir-lhe papel para imprimir o jornal *O Ceará*, do qual o médico era um dos fundadores: “estamos sem papel para publicar o nosso Ceará!!! Da sua reserva não nos poderá ceder algum, para desembaraçar-nos? Não faz mal que seja ao formato menor”.¹⁹

Guilherme Studart buscava o reconhecimento dos seus pares e uma inserção no campo intelectual de sua época, para isso publicava obras, enviava livros de presente a amigos, doava dinheiro para publicações, enfim gerava trocas culturais dentro do seu “círculo de convivência”, de tal modo que diante do seu constante trabalho de publicação seja de livros, revistas, jornais e/ou documentos, Studart contribuiu para “difundir” cada vez mais o seu nome e a História do Ceará.

¹⁷ Carta de Joaquim de Araújo para Guilherme Studart de 18 de março – Acervo do Instituto do Ceará.

¹⁸ Segundo Roger Chartier, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. (CHARTIER, 1999, p. 17)

¹⁹ Carta de Tibúrcio de Oliveira para Guilherme Studart de 19 de agosto de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1, 2, 3. Ed. Org. e pref. por José Honório Rodrigues, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Barão de Studart: memória da distinção*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. *Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003.

BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: RECORD, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras: história e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, p. 75-87, 2002.

DUCROIT, Ariane. *Classificação de arquivos pessoais e familiares*. Texto apresentado no Seminário Internacional sobre arquivos pessoais, realizado pelo CPDOC / FGV, 1997. (mimeo)

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projeto autobiográfico: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Capanema: O ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 73-102, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batella (org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. T. especial. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, p. 17-35, 1955.

GOMES, Ângela de Castro. (org.). Introdução. In: *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NEVES, Frederico de Castro. A História das datas e dos fatos. In: STUDART, Guilherme. *Datas e Fatos para a História do Ceará*, v. 1, 2, 3. Edição Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº 28, p. 23-47, 2001.